

0

ALGORITMO

© 2026 MARIA JOÃO VIANA | SILENT PEN ®

O ALGORITMO

Publicado nos EUA e UE

Primeira impressão 2026 (1.^a edição)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*A todos os que gostam de um bom policial, de desconfiar de todos, de voltar atrás para reler uma pista e de chegar ao fim a pensar que, afinal, estava tudo lá desde o princípio.
Este livro é para vocês.*

Prólogo

Braga

Sexta-feira, 9 de Outubro de 2026, 07:14

A Leonor ouviu o Tomás abrir o armário errado duas vezes antes de aparecer à porta da cozinha.

— As chávenas continuam no mesmo sítio.

Ele ficou com a mão no puxador.

— Eu sei.

— Então estás à procura de quê?

O Tomás olhou para dentro do armário, como se a resposta pudesse estar atrás dos pratos.

— Café.

— Aí?

Fechou a porta.

— Já percebi.

A Leonor voltou ao desenho que tinha aberto sobre a mesa. Uma moradia em Guimarães, duas alterações pedidas pelo cliente na véspera e uma parede que, se fosse deslocada mais vinte centímetros, transformaria a casa num corredor com quartos. Tinha assinalado a alteração a vermelho e escrito não junto da seta.

O Tomás pôs uma cápsula na máquina.

Não carregou no botão.

— Dormiste?

— Um bocado.

— Quanto é um bocado?

— O suficiente.

A Leonor levantou os olhos.

Trazia a mesma camisa branca do costume, calças escuras e o cabelo ainda húmido. Parecia pronto para sair, salvo pelo punho esquerdo, que continuava aberto e pela expressão de quem chegara à cozinha sem ter terminado de pensar noutra coisa.

— Isso é uma medida nova?

— O quê?

— O suficiente.

O Tomás carregou finalmente no botão. A máquina começou a trabalhar.

— Tenho uma manhã complicada.

— Tens muitas.

— Esta é mais.

Ele disse-o sem intenção de explicar. A Leonor conhecia a diferença. Ao fim de oito anos, havia silêncios que ainda pediam uma pergunta e outros que já traziam a porta fechada.

Dobrou o desenho pelo meio para libertar espaço.

— Tens a reunião às oito e meia?

— Tenho.

— Com quem?

— Conselho. Parte do conselho.

— Isso soa saudável.

O Tomás pegou na chávena antes de o café acabar de cair. Duas gotas atingiram a bancada.

— O Henrique quer falar outra vez da proposta.

— E tu queres falar outra vez de não vender.

— Não há muito mais para dizer.

A Leonor passou um pano pelas gotas.

— Nunca te impediu.

Ele bebeu o café e fez uma careta.

— Está demasiado quente.

— Acabou de sair da máquina.

— Eu sei.

— Hoje estás especialmente forte nessa frase.

O Tomás sorriu, mas o sorriso durou pouco.

O telefone vibrou em cima da bancada.

Ele olhou para o ecrã.

Não lhe tocou.

A Leonor tornou ao desenho.

— Não vais ver?

— Depois.

O telefone vibrou outra vez.

Desta vez, o Tomás virou-o ao contrário.

A Leonor pousou a lapiseira.

— Aconteceu alguma coisa?

— Na empresa?

— Não especifiquei.

Ele encostou-se à bancada.

O ALGORITMO

— Não.

A resposta chegou depressa demais para ser uma mentira preparada e devagar demais para ser apenas verdade.

A Leonor voltou a pegar na lapiseira.

— Está bem.

O silêncio que se seguiu não era novo. O que mudara nos últimos meses fora apenas a facilidade com que ambos conseguiam continuar dentro dele.

O Tomás abriu o frigorífico.

— Há alguma coisa para logo?

— Há.

— Jantas cá?

A Leonor olhou para ele.

— Estás a perguntar se eu janto na minha própria casa?

— Estou a perguntar se jantamos.

— Isso é diferente.

— Por isso corrigi.

No frigorífico havia uma caixa de legumes, ovos, queijo, uma garrafa de vinho aberta e metade de uma omeleta da noite anterior. O Tomás ficou a olhar para as prateleiras como se esperasse encontrar uma decisão pronta.

— Posso chegar tarde.

— Também não é propriamente uma novidade.

— Tarde, mas não muito.

— Isso continua a não ser uma hora.

Ele fechou o frigorífico.

— Oito e meia?

A Leonor soltou uma pequena gargalhada.

— Acabaste de marcar um jantar comigo usando o mesmo método com que estimas uma reunião.

— Funciona.

— Às vezes.

O Tomás bebeu mais café.

A Leonor reparou então no punho aberto da camisa.

— Dá cá.

— O quê?

Ela estendeu a mão.

— O braço.

— Consigo apertar um botão.

— Não parece.

O Tomás aproximou-se e deixou que ela lhe pegasse no pulso.

A casa do botão estava desfiada. A Leonor empurrou o tecido com a unha, rodou o punho da camisa e conseguiu fazê-lo passar.

— Precisas de deitar isto fora.

— Está boa.

— A manga está a desfazer-se.

— Ainda não caiu.

— Critério exigente.

Ela largou-lhe o braço.

O Tomás não se afastou logo.

Durante um segundo ficaram demasiado perto para duas pessoas que, naquela manhã, só tinham falado de café, trabalho e horas.

A Leonor viu-lhe o cansaço nos olhos.

— Tomás.

— Hum?

Podia perguntar-lhe outra vez se alguma coisa estava errada.

Não perguntou.

Ele também não disse.

O telefone vibrou uma terceira vez.

O Tomás afastou-se e leu a mensagem.

A Leonor viu apenas o nome no alto do ecrã.

Inês.

Ele escreveu uma resposta curta.

— Problemas?

— Trabalho.

— Isso já percebi.

Guardou o telefone no bolso.

— Tenho de ir.

A Leonor assentiu e tornou a abrir o desenho.

O Tomás pegou no casaco que estava sobre uma cadeira. Procurou as chaves no bolso direito, depois no esquerdo.

— Estão no vestíbulo — disse ela.

Ele parou.

— Eu sabia.

— Claro.

Foi até à porta da cozinha.

— Leonor.

Ela levantou os olhos.

O Tomás pareceu esquecer-se do que ia dizer.

— O quê?

— Nada.

O ALGORITMO

— Chamaste-me.

— Ia perguntar se precisas do carro amanhã.

— Amanhã?

— Para o fim-de-semana.

A Leonor pousou a lapiseira devagar.

— Posso precisar.

— Está bem.

Ele não perguntou onde ia.

Ela não disse.

O aquecimento ligou-se debaixo do chão.

Na parede, o calendário tinha a semana seguinte preenchida a azul. Na sexta-feira, um rectângulo vermelho ocupava parte da noite sem qualquer palavra escrita dentro.

O Tomás olhou para ele.

A Leonor também.

— Isso é teu? — perguntou.

— É.

Ele esperou.

Ela não acrescentou nada.

— Está bem.

O Tomás saiu da cozinha.

A Leonor ouviu as chaves, a porta do vestíbulo e depois os passos dele de novo.

Reapareceu com o casaco vestido.

— Esqueci-me do café.

A chávena continuava na bancada, quase cheia.

Pegou nela e bebeu de uma vez uma quantidade que o obrigou a fechar os olhos.

— Continua quente — disse a Leonor.

— Confirmo.

Pousou-a no lava-loiça.

Desta vez chegou à porta sem voltar atrás.

— Até logo.

— Até logo.

A Leonor ouviu a porta da rua fechar.

Ficou alguns segundos com a lapiseira suspensa sobre o desenho.

Lá fora, o portão da garagem começou a subir.

Ela aproximou-se da janela sem chegar a afastar a cortina.

O motor pegou à primeira. O carro recuou para a rua, parou durante alguns segundos e arrancou.

A Leonor regressou à mesa.
Tentou continuar a trabalhar.
Leu três vezes a mesma medida.
No fim, riscou o número e voltou a escrevê-lo exactamente igual.
O telefone dela estava pousado ao lado dos desenhos.
O ecrã acendeu-se.
Uma mensagem.
A Leonor leu-a sem lhe tocar.
Depois virou o telefone para baixo.
Na cozinha, a chávena do Tomás permanecia no lava-loiça.
Ainda tinha café no fundo.

Capítulo 1

A Porta

VETRA Systems, Vila Nova de Famalicão

Sábado, 10 de Outubro de 2026, 06:52–08:10

A pasta azul continuava debaixo da cadeira quando Afonso Lacerda entrou na recepção da VETRA Systems. Tinha uma lombada larga, elásticos pretos e uma etiqueta onde alguém escrevera REUNIÃO, num papel amachucado pela mão que o segurara.

Teresa Mourão estava sentada à frente dela, com os braços apertados contra o corpo. Trazia um casaco de malha sobre uma blusa fina, calças escuras e sapatos molhados. Uma agente da GNR mantinha-se por perto sem lhe tocar. No vidro da entrada, as luzes azuis dos carros apareciam e desapareciam sobre a pedra antiga da fábrica.

— Inspector-chefe Afonso Lacerda. Esta é a inspectora Carolina Reis.

A Teresa levantou os olhos. Demorou um momento a perceber que esperavam uma resposta.

— Eu não mexi nele.

— Está bem.

— Chamei. Primeiro chamei pelo nome. Pensei que tivesse caído.

O Afonso pôs-se de cócoras, sem tocar na pasta. A etiqueta tinha um borrão de água num canto.

— Veio trazer isto?

A Teresa olhou para o chão.

— Ele pediu ontem. Disse que precisava antes das sete. Há uma reunião às oito e meia. Havia. Não sei.

— Chegou a que horas?

— Seis e cinquenta e dois. Passei o cartão na entrada e subi. Não estava cá ninguém. Quer dizer, estava o senhor da portaria. Lá em cima não vi ninguém.

A Carolina afastou-se para falar com o responsável pelo primeiro perímetro. Chegara cinco minutos depois do Afonso e já sabia que duas equipas médicas tinham entrado, que a GNR isolara o piso e que o vigilante da noite permanecia no edifício. Falava depressa e escrevia pouco.

— E a porta da sala? — perguntou o Afonso.

A Teresa ergueu a mão direita. O indicador ainda tinha uma luz vermelha do aparelho dos bombeiros desenhada na pele.

— Encostei o cartão. A luz ficou verde. A porta reconheceu-me.

— Estava fechada?

— Sim. Abri e disse bom dia. Vi a cadeira caída. Depois vi os sapatos dele.

O resto perdeu-se num movimento dos lábios. A agente aproximou-lhe um copo de água, mas a Teresa não pegou nele.

— Entrou muito?

— Até à mesa. Talvez. Não sei onde parei. A pasta caiu. Liguei para o cento e doze. Disseram-me para sair. À saída apanhei a pasta e levei-a comigo.

O Afonso assentiu. Não voltou a perguntar se tocara no corpo.

A VETRA ocupava um antigo complexo têxtil nos arredores de Famação. Tinham conservado as paredes de granito e aberto nelas corredores de vidro, escadas de metal, salas brancas. Àquela hora de sábado, a empresa parecia demasiado grande para as seis pessoas que se moviam em silêncio entre fitas de isolamento.

No primeiro piso, a porta da Sala de Integração 3 estava presa por um calço dos bombeiros. Um rectângulo negro na parede acendia-se sempre que alguém passava. A Carolina esperava junto à fita, já com protecções nos sapatos.

— Quem entrou depois da Teresa? — perguntou o Afonso.

— O vigilante. Dois bombeiros, a equipa médica e a GNR. Temos nomes e horas. Ela ficou no corredor até a levarem para baixo.

— Fotografias antes de mexerem?

— A GNR tirou algumas. Os médicos deslocaram a cadeira para chegar ao corpo. Mais nada, segundo eles.

Entraram um de cada vez. A sala tinha a dimensão de uma pequena sala de reuniões, mas quase toda a parede oposta era ocupada por ecrãs apagados. Havia uma mesa comprida, seis cadeiras e um quadro branco sem escrita. O ar guardava um cheiro seco, misturado com plástico aquecido.

Tomás Valente estava caído de lado junto à cabeceira da mesa. Tinha quarenta e seis anos, cabelo escuro cortado rente e a camisa branca aberta pelos paramédicos. No centro do tórax, a compressa que tinham deixado estava escurecida. Uma manga do casaco azul-marinho ficara presa debaixo do corpo. A mão direita permanecia perto da perna dobrada.

Não havia arma junto aos dedos, debaixo da mesa ou no espaço que o Afonso alcançava com os olhos.

A cadeira caída mostrava a parte inferior. Uma das rodas ainda girava, tão devagar que o movimento podia vir da passagem dos técnicos. Duas chávenas vazias estavam alinhadas num tabuleiro ao fundo. Sobre a mesa, um portátil aberto projectava uma luz baixa. O ecrã estava bloqueado. Por cima do campo da palavra-passe lia-se Ariadne.

— É o produto deles — disse a Carolina.

O Afonso aproximou-se do corpo sem atravessar o espaço marcado nas primeiras fotografias. O vidro exterior ocupava metade de uma parede, sem qualquer abertura. Do lado de fora via-se um pátio estreito entre dois edifícios de granito e, para lá deles, a manhã cinzenta.

— Um tiro?

— É o que parece. Não viram outro ferimento na primeira observação.

O Afonso percorreu a sala outra vez. Em cima da mesa havia um bloco de folhas lisas, uma caneta sem tampa e o telemóvel da vítima virado para baixo. Nenhum copo partido. Nenhuma cadeira, além daquela, fora do lugar. A porta por onde tinham entrado fechava sozinha quando se tirava o calço.

No corredor, um homem de colete reflector aguardava entre dois agentes. Era o vigilante da noite. A camisola apertava-lhe o pescoço e as chaves presas ao cinto batiam umas nas outras.

— Ouviu algum disparo? — perguntou o Afonso.

— Não, senhor. Aqui há paredes grossas. E as máquinas da ventilação. Pensei que o doutor Tomás tivesse saído sem passar por mim.

— Viu-o entrar?

— Vi. Devia ser dez e pouco. Cumprimentou-me. Vinha sozinho.

A Carolina apareceu com uma folha impressa dentro de um dossier transparente. Não a entregou ao Afonso; inclinou-a para que ambos vissem. Havia poucas linhas, horas e nomes. A primeira pertencia a Tomás Valente. A última, muitas horas depois, a Teresa Mourão.

— Isto veio de onde? — perguntou ele.

— Do controlo de acessos. A equipa técnica ainda está a caminho.

— Entre os dois?

A Carolina passou o dedo pelo espaço em branco.

— Não aparece ninguém.

O Afonso voltou à sala. Da entrada via o corpo, a mesa, o vidro fixo e o portátil aceso. A porta encostou-se às costas dele e fechou com um estalido suave.

Lá em baixo, a Teresa levantara-se. Segurava finalmente o copo de água, ainda cheio. Quando o Afonso lhe perguntou quem podia entrar

naquela zona sem acompanhamento, ela respondeu com os departamentos, depois com três cargos, depois parou.

— O doutor Tomás entrava em todo o lado. Eu também, em quase todo. A segurança, claro. Os responsáveis técnicos. Depende do dia.

— Quero a lista completa.

Um funcionário de camisa amarrotada, chamado de casa para abrir os sistemas, pousou o portátil no balcão da recepção. A Carolina pediu-lhe que limitasse a pesquisa à noite e à zona da Sala 3. Ele carregou em duas teclas, esperou e rodou o ecrã.

— Só isto.

— É a lista de quem podia entrar? — perguntou o Afonso.

— Não. É quem entrou.

No intervalo entre o fim do trabalho de sexta-feira e a chegada da Teresa, havia um único nome.

Tomás Valente.

Capítulo 2

A Sala Três

VETRA Systems

Manhã de 10 de Outubro de 2026

— Não pise aí.

O Afonso parou com o pé suspenso. Mafalda Rios apontou para uma marca branca no chão, quase escondida sob a extremidade da mesa e voltou ao corpo. Já tinham retirado a compressa deixada pelos paramédicos. A médica-legista trabalhava de joelhos, com movimentos curtos, enquanto o fotógrafo mudava de posição à volta dela.

Pequenos marcadores numerados ocupavam agora o soalho. A cadeira caída fora medida antes de a endireitarem. O portátil, o telemóvel e a caneta estavam assinalados. A luz das lâmpadas portáteis apagava o cinzento da manhã.

O Afonso recuou para a parede.

— O que é a marca?

— Um fragmento.

A Mafalda inclinou o rosto do Tomás, observou-lhe o pescoço e chamou o fotógrafo.

A Carolina esperava junto à porta com um desenho da sala preso a uma placa rígida. Marcara a posição inicial dos objectos a partir das fotografias da GNR e das imagens feitas antes da remoção do corpo. Quando o Afonso olhou, ela tocou na cabeceira da mesa.

— Estava aqui. A cadeira caiu para trás e um pouco para a direita. Se estava sentado, levantou-se ou começou a levantar-se.

— Ou puxaram-na.

Acrescentou uma seta pequena e afastou a caneta.

A Mafalda levantou-se, tirou as luvas e pediu outro par.

— Um disparo. Entrada no tórax. Curta distância.

— Quanto é curta?

— Curta. Há resíduos na camisa e na pele. No exame digo-lhe melhor.

— Morreu logo?

— Depressa, em princípio.

Ela calçou as novas luvas e examinou as mãos do Tomás. O Afonso observou o espaço entre a cadeira e o corpo. Não havia sinais de uma

tentativa de chegar à porta. Nada indicava que tivesse usado a mesa para se defender. Um botão da camisa, arrancado pelos socorristas, repousava junto à perna.

— Luta? — perguntou.

— Não vejo lesões defensivas. A roupa só está rasgada onde os médicos mexeram. Pode ter sido apanhado de surpresa.

O fotógrafo pediu ao Afonso que se deslocasse para a esquerda. Ele obedeceu e ficou diante do vidro exterior. A moldura de metal não tinha puxador nem dobradiças.

— Isto abre?

A Carolina aproximou-se, sem tocar.

— Não. É um painel fixo. Confirmaram no exterior.

O pátio ficava um piso abaixo. Uma faixa de musgo acompanhava a caleira. Dois elementos da perícia percorriam o chão molhado junto à parede.

A remoção do corpo começou pouco depois das nove. O Afonso saiu para o corredor enquanto a maca entrava. A Teresa já fora levada para um gabinete mais afastado, acompanhada por uma agente. Na zona isolada ouviam-se apenas os fechos das malas e o ruído constante da ventilação.

A Carolina chamou-o da sala.

Estava agachada diante de um painel cinzento na parede lateral. Visto da entrada, confundia-se com o revestimento acústico. Tinha quase dois metros de altura e um puxador embutido à altura da cintura.

— Encontrei um armário?

— Ainda não.

Passou-lhe o desenho das instalações. A linha da parede era interrompida por um retângulo estreito, assinalado com uma letra e um número.

— Porta técnica — disse ela. — Foi o que a manutenção chamou a isto.

O puxador ofereceu resistência. A Carolina iluminou a junção com uma lanterna pequena. Havia tinta acumulada nos bordos e, no canto superior, uma etiqueta plástica de inspecção com a data quase apagada. Junto ao chão, uma faixa fina de pó seguia a base do painel. À esquerda do puxador, desaparecia durante poucos centímetros.

— Fotografem isto.

Um perito aproximou-se. A Carolina recuou.

O Afonso leu a data da etiqueta.

— Há quanto tempo está fechada?

— O homem da manutenção diz que há anos. Usavam isto quando o edifício ainda estava em obras. Há cabos e condutas do outro lado.

— E a etiqueta?

— Verificado há oito meses.

O perito colocou uma escala junto à falha no pó e tirou várias fotografias. Depois examinou a etiqueta com uma lente.

— Não atravessa a junta. Abrimos quando estiver tudo registado.

A Mafalda passou por eles a acompanhar a maca. Não olhou para a porta técnica. O saco estava fechado e a forma do corpo fazia uma elevação discreta sob o plástico preto. O Afonso deixou a equipa sair antes de regressar à cabeceira da mesa.

Sem o Tomás, restavam pequenos vestígios, fitas de medição e uma área de soalho ainda sem passos.

— Se alguém estivesse à frente dele — disse a Carolina, posicionando-se do outro lado da mesa —, ele via a pessoa entrar pela porta principal.

O Afonso sentou-se na cadeira vizinha, não na da vítima.

— Conhecia-a.

— Talvez.

— Não se protegeu.

A Carolina olhou para a distância entre os dois.

— Ou não teve tempo.

A porta principal abriu-se. Um homem alto, de barba curta e olhos inchados, parou ao ver os marcadores no chão. Trazia uma mochila preta num ombro e o cartão da empresa virado ao contrário.

— Gabriel Seabra? — perguntou a Carolina.

— Sim. Segurança. Cibersegurança. Disseram-me para vir imediatamente.

Tentou avançar. O perito junto à porta mandou-o esperar e entregou-lhe protecções para os sapatos. O Gabriel calçou-as mal, rasgou a primeira e praguejou em voz baixa.

— Preciso de ver o sistema antes de começarem a desligar coisas.

— Ninguém vai desligar nada por agora — disse o Afonso. — Disseram-nos que o registo não mostra anomalias.

O Gabriel fitou-o de repente.

— Quem disse isso?

— Um colega seu.

— Não sei que consulta fizeram. Esse ecrã não me chega.

O Gabriel apertou a alça da mochila.

— Então confirme.

— Preciso de ver a origem antes de responder. E do meu posto.

— Gabriel — interrompeu a Carolina. — Alguém entrou aqui sem aparecer?

Ele abriu a boca e demorou a responder.

— No que vi, a última presença é a do Tomás. Mais do que isso, ainda não sei.

— Quero uma cópia — disse o Afonso.

— Posso exportar.

— Não chega.

O Gabriel olhou para a Carolina.

— Duas cópias — disse ela. — Uma consigo, outra connosco. Ninguém mexe sozinho enquanto isto não estiver preservado.

— Eu não altero registos.

— Ninguém disse isso.

— Estão a perguntar como se a resposta já... Está bem. Eu preparo o acesso.

Só então reparou no lugar vazio junto à mesa. O cartão da empresa oscilou-lhe sobre o peito. Na fotografia tinha menos barba e um ar zangado que talvez fosse do sol.

— Ele estava aqui ontem à noite? — perguntou.

— O senhor vai ajudar-nos com as horas — respondeu o Afonso.

O Gabriel baixou a cabeça, abriu a mochila e retirou um computador sem o ligar. Os dedos falharam duas vezes o fecho do bolso lateral.

A equipa terminou o registo exterior da porta técnica às dez menos dez. Na presença do Afonso, da Carolina e de dois peritos, abriram o painel. Ofereceu resistência nos primeiros centímetros e cedeu com um rangido curto nas dobradiças.

Do outro lado havia escuridão, uma plataforma estreita de metal e tubos verticais. O ar que saiu cheirava a cimento húmido. Um cabo amarelo atravessava a passagem à altura do joelho. Mais adiante, três degraus desciam para um espaço onde a lanterna não chegava inteira.

— Isto não é uma saída — disse o Afonso.

— Aqui, não — respondeu a Carolina.

O homem da manutenção trouxe plantas de várias fases da reconversão. Algumas tinham correcções a lápis; noutras, paredes antigas já não coincidiam com as novas.

A Carolina estendeu duas no chão do corredor e alinhou-as pela caixa das escadas. O Afonso voltou à plataforma aberta, onde a luz da perícia morria poucos metros adiante.

— Afonso.

Numa das plantas, o corredor continuava por baixo do bloco. Na outra, a linha desaparecia atrás de uma parede acrescentada anos depois.

— Até onde vai?

O ALGORITMO

O homem da manutenção abanou a cabeça. Faltava a folha seguinte e ninguém ali soube dizer se a passagem fora fechada, desviada ou simplesmente esquecida.

A Carolina dobrou as plantas pela margem e entregou-as à perícia.

Capítulo 3

Vinte e Um Dias Antes

VETRA Systems

18 de Setembro de 2026, noite

A lista voltou a ordenar-se antes do Tomás Valente tocar no rato.

Tinha pedido os resultados por data. Durante alguns segundos, as linhas apareceram como esperava: primeiro as tarefas concluídas naquela noite, depois as mais antigas. Uma caixa de estado acendeu-se no canto do ecrã e a sequência mudou. Três itens subiram para o topo. Não eram os mais recentes nem os que tinham maior prioridade.

O Tomás pousou a fatia de pizza no cartão da caixa e limpou os dedos a um guardanapo. Carregou no filtro. Data. Ordem decrescente. Aplicar.

As mesmas três linhas regressaram ao topo.

A Sala de Integração 3 estava quase às escuras. Só a mesa de trabalho e uma faixa junto à parede recebiam luz. Nos ecrãs maiores, os gráficos de teste mantinham-se imóveis. Lá fora, a chuva batia no vidro fixo e desfazia o reflexo do Tomás: mangas arregaçadas, barba por fazer, uma mancha de molho junto ao punho.

No canto superior da *interface* lia-se CONTINUITY. O nome ainda não aparecia em apresentações ou contratos da VETRA. Era um ramo experimental da Ariadne, separado do produto dos clientes e ligado, naquela noite, a alguns serviços da própria empresa.

O Tomás abriu o primeiro resultado. Uma tarefa que dera por fechada voltara à lista. Fechou-a outra vez. Pouco depois, reapareceu.

A porta abriu-se atrás dele.

— Ainda estás aqui?

Inês Faria entrou dois passos e ficou a olhar para a caixa de pizza, o casaco largado numa cadeira e os quatro ecrãs acesos.

— Isso pergunto eu.

— Deixei o telemóvel. Acho que deixei. Liguei-lhe no carro e ouvi-o tocar cá dentro.

A Inês acendeu a luz principal. O Tomás semicerrou os olhos.

— Não faças isso.

— Pareces um morcego.

Ela procurou junto ao lugar onde trabalhara durante a tarde. Levantou um caderno, afastou dois cabos e espreitou para baixo da mesa. O telemóvel começou a tocar dentro de uma gaveta.

— Foste tu? — perguntou o Tomás.

— Liguei outra vez. Era mais rápido.

Abriu a gaveta e recuperou o aparelho. Tinha a capa verde rachada num canto. Viu a hora e fez uma careta.

— São onze e vinte.

— Eu sei.

— Amanhã vens?

— Um bocado.

A Inês aproximou-se do ecrã central, ainda com o telemóvel na mão.

— Estás no CONTINUITY?

— Estou a testar uma coisa.

— Em produção?

— Não.

Ela apontou para um símbolo pequeno junto ao nome de um serviço.

— Isso é produção.

— É um serviço real. Não é a mesma coisa.

— Para quem leva com o efeito, é.

O Tomás voltou à lista. Uma das linhas subiu duas posições.

— Olha para isto.

A Inês pousou o telemóvel ao lado da pizza e inclinou-se para o ecrã.

— O que pediste aqui?

— Que aparecesse por data.

— E isto sobe porquê?

— Não sei.

— Mexeste nisto desde terça?

— Não.

A Inês abriu o histórico, percorreu as últimas alterações e voltou à lista.

— Há qualquer coisa aqui que não estou a ver.

— Eu também não.

— Então porque é que estás contente?

O Tomás pegou na fatia de pizza, reparou no guardanapo colado à base e largou-a outra vez.

— Quero ver se uma coisa que deixo a meio continua quando volto. E perceber porque é que estas três insistem em vir para cima.

— Fechei a sessão e voltei uma hora depois. A tarefa ainda estava a andar.

A Inês olhou de novo para o símbolo no painel.

O ALGORITMO

— E quem autorizou isto a tocar em serviços reais?

— Eu.

— Sozinho?

— Era um teste interno.

— Que mexeu no agendamento e no apoio ao cliente.

— Durante duas horas, numa sexta-feira à noite.

— Para quem recebe o efeito, duas horas chegou.

O Tomás recostou-se. A roda da cadeira bateu num cabo e parou.

— É temporário.

— Até quando?

— Até eu perceber se funciona.

A Inês soltou o ar pelo nariz e endireitou-se. Olhou para a hora outra vez.

— Ao menos põe o Gabriel a par.

— Amanhã.

— Hoje.

— São onze e vinte.

— Pois são.

Ela enfiou o telemóvel no bolso do casaco. Antes de sair, voltou atrás para fechar a gaveta que deixara aberta.

— Se precisares de mim, liga. Mas não faças mais ligações.

— Vai para casa, Inês.

— Estou a ir.

A porta fechou-se. O Tomás esperou até deixar de ouvir os passos no corredor e voltou à lista. Retirou as ordenações e comparou os três itens que tinham subido. Partilhavam uma dependência antiga, criada num teste anterior e nunca concluída.

Abriu a primeira tarefa, depois a segunda. Na terceira havia uma hora que não encaixava no teste. O Tomás abriu o histórico; naquela sessão não encontrou o momento em que a tarefa fora criada.

Recuou dois dias, depois uma semana. A tarefa continuava ali, com um objectivo curto que não lhe dizia nada. Não se lembrava de a ter criado.

Levou a mão ao rato para a eliminar.

Em vez disso, abriu-a.

Capítulo 4

A Casa da Leonor

Casa do Tomás e Leonor, Braga

Tarde de 10 de Outubro de 2026

Leonor Salgado deixou cair a chave entre o portão e o primeiro degrau. Não se baixou logo. Olhou para Afonso Lacerda e Carolina Reis, que esperavam junto ao muro, depois para o carro sem identificação do outro lado da rua.

O táxi arrancou atrás dela.

— Disseram-me que vinham amanhã.

— Se preferir, voltamos — disse o Afonso.

A Leonor apanhou a chave. Tinha quarenta e um anos, o cabelo preso sem cuidado e uma marca vermelha junto à orelha. Abriu o portão.

— Amanhã vai estar cá mais gente. Hoje ainda consigo falar.

A casa ficava numa rua inclinada de Braga, entre um prédio novo e uma moradia devoluta. Por fora conservava a pedra escura e as portadas altas. No interior, uma escada de madeira dividia a sala comprida. Havia livros em estantes baixas, maquetas de cartão sob uma redoma e dois candeeiros iguais, um de cada lado do sofá.

A Leonor pousou a mala de mão num banco do vestíbulo. Ao lado, duas taças guardavam chaves separadas. Numa havia um cartão da VETRA e moedas; na outra, uma fita métrica enrolada e um molho pequeno com um porta-chaves de cortiça.

— Querem café?

— Não é preciso.

— Eu vou fazer um.

Seguiram-na até à cozinha. A bancada estava limpa, salvo uma chávena no lava-loiça e um prato coberto por outro. A Leonor encheu a máquina e ficou à espera.

O Afonso perguntou pela manhã. A Leonor disse que o Tomás saía antes das oito. Tinham trocado duas frases sobre reuniões e trabalho; ao fim da tarde ele cancelara o jantar por mensagem.

— Eu ainda não estava em casa quando ele escreveu. Cheguei por volta das sete e meia.

— Fiquei em casa — acrescentou.

O Afonso olhou para o prato coberto. Via-se a borda seca de uma omeleta. Havia um único talher usado no escorredor.

Disse que se deitara perto da meia-noite e que, no segundo andar, muitas vezes não ouvia o Tomás entrar.

A Carolina apontou com o queixo para a chávena cheia.

— Vai deixar isso aí?

A Leonor bebeu depressa demais e pousou a chávena com cuidado.

— Perguntem o que têm a perguntar.

O Afonso perguntou se havia algum motivo para o jantar. A Leonor disse que era apenas sexta-feira.

— Foi ontem, dia dez.

— Ontem foi dia nove. Hoje é dia dez.

O Afonso assentiu.

— Tem razão.

A Leonor ficou à espera de mais. Ele não acrescentou nada.

Ultimamente o Tomás cancelava mais vezes. Trabalhava até tarde e aparecia em casa quando lhe era possível.

O aquecimento ligou-se sob o chão. Na parede, um calendário de arquitectura tinha compromissos em duas cores. A semana seguinte estava preenchida a azul; na sexta-feira que acabara havia um rectângulo vermelho sem palavras. A Leonor deslocou-se até ficar diante dele.

Tinhm oito anos de relação e cinco naquela casa. O Tomás usava o gabinete de baixo sobretudo aos domingos; a Leonor trabalhava no piso de cima.

— Podemos ver?

A Leonor voltou-se.

— Porquê?

— Quero perceber como viviam.

— Isso quer dizer o quê?

— O que eu disse.

Ela despejou o café quase inteiro no lava-loiça.

— Está bem.

O quarto do Tomás abria para um pequeno pátio nas traseiras. Tinha uma secretária larga, duas cadeiras, livros técnicos e uma fotografia do casal num barco, ambos de óculos escuros. Numa prateleira estavam três prémios da empresa e uma caixa de comprimidos para a azia. Não havia roupa. Um carregador permanecia enrolado junto ao candeeiro, preso com uma tira de velcro.

O Tomás trabalhava ali ao domingo. Durante a semana preferia a VETRA. A Leonor entrou no gabinete sem hesitar; quando subiram ao piso dela, deixou-os passar primeiro.

Subiram. No patamar do primeiro andar, a porta do quarto estava aberta. A cama tinha duas mesas diferentes, dois candeeiros escolhidos para parecerem iguais e uma pilha de livros do lado da Leonor. Do outro, havia um relógio, um copo vazio e um cabo sem aparelho ligado.

O Afonso ficou à porta.

No piso acima, o tecto acompanhava a inclinação do telhado. O quarto de trabalho da Leonor tinha rolos de desenhos em cestos, amostras de pedra, uma mesa manchada de grafite e uma *chaise longue* junto à janela. Uma mala aberta ocupava metade do assento.

Duas camisas estavam dobradas no fundo. Por cima, roupa interior, uma bolsa de higiene fechada e sapatos dentro de um saco de pano. Um casaco permanecia sobre a mesa, ainda com a etiqueta da lavandaria presa à manga.

A Leonor avançou e baixou a tampa da mala sem a fechar.

— Ia viajar? — perguntou o Afonso.

— Ia passar o fim-de-semana fora.

— Onde?

— Ainda não estava decidido.

A Carolina afastou-se da mesa.

— Fez a mala sem decidir para onde ia?

— Não preciso de saber o hotel para escolher duas camisas.

— Ia sozinha?

A Leonor endireitou a etiqueta do casaco.

— Isso interessa?

— Pode interessar.

— Quando interessar, respondo.

O Afonso aproximou-se da janela. Via-se o jardim estreito, a garagem e a cobertura da cozinha. Uma bicicleta de estrada estava suspensa na parede exterior. Debaixo dela, dois capacetes pendiam de ganchos separados.

O Tomás sabia que ela podia não ficar naquele fim-de-semana; não sabia para onde. Quando a Carolina perguntou por que omitira a mala, a Leonor respondeu que lhe tinham perguntado pela noite, não pelo dia seguinte.

— E hoje?

— Hoje morreu o homem com quem vivi oito anos. Não fui a lado nenhum.

A voz saiu-lhe mais alta. A Leonor sentou-se na beira da *chaise longue* e passou a mão pela testa. Ouviram os canos do aquecimento e uma porta bater na casa vizinha.

O Afonso esperou.

O Afonso perguntou como estavam os dois.

— Cansados. Da vida que tínhamos.

A Carolina falou sem se aproximar.

— Havia outras pessoas?

A Leonor pegou numa das camisas e voltou a dobrá-la.

— Ouvi a pergunta.

— Do Tomás. Ou suas.

— Não vou responder.

Pôs a camisa dentro da mala e baixou a tampa sobre a própria mão. Retirou-a e puxou o fecho.

— Podemos continuar amanhã — disse o Afonso.

— Amanhã haverá uma versão de mim em todo o lado. Hoje ainda estou aqui.

— Não precisamos de continuar agora.

A Leonor levantou-se, irritada.

— O Tomás cancelou o jantar às sete e dezassete. Eu cheguei às sete e trinta e oito. Aqueci o que estava no frigorífico, trabalhei até perto das dez, vi televisão e deitei-me antes da meia-noite. Não saí. Não o voltei a ver. É isso.

— E a mala? — perguntou a Carolina.

— Já estava meio feita.

— Desde quando?

— Desde ontem de manhã. Agora chega.

Desceram sem voltar à cozinha. No vestíbulo, a Leonor abriu a porta e ficou com a mão no puxador. O cartão da VETRA continuava na taça das chaves. Quando a Carolina passou, chamou-a.

— Inspectora.

A Carolina parou.

— Não transforme uma mala numa resposta. Eu ainda nem sei qual é a pergunta.

A Carolina saiu sem responder.

O Afonso ficou um instante no degrau. A Leonor fechou a porta, rodou a fechadura e correu o trinco de cima.

A Carolina ficou alguns segundos com a porta do carro aberta. Depois entrou. O Afonso deu a volta pela frente e nenhum dos dois falou da mala.

Capítulo 5

O Conselho

Sala do conselho da VETRA Systems

Fim da tarde de 10 de Outubro de 2026

Rui Bastos arrancou o cabo do telefone de conferência antes de o homem do outro lado acabar a frase. O aparelho repetiu duas palavras cortadas e apagou-se.

— Ninguém de fora decide isto hoje.

Estava de pé junto à janela, de mangas arregaçadas, com o cartão da VETRA preso ao cinto. Aos quarenta e oito anos, o co-fundador tinha o corpo pesado de quem passava demasiado tempo sentado e a agitação brusca de quem acabara de se levantar para discutir.

Henrique Mendonça não se mexeu. Presidente do conselho de administração e investidor inicial, ocupava o lugar a meio da mesa, não a cabeceira. Tinha sessenta e um anos, cabelo branco muito curto e uma pasta de couro fechada à frente.

— Volta a ligar.

— Não.

— Era o advogado da empresa.

— Eu ouvi.

Miguel Tavares empurrou o telefone para o centro, embora estivesse desligado. O director financeiro mantinha três folhas cobertas de números debaixo da mão esquerda e o telemóvel pessoal sob a direita.

— Podemos não fazer isto aos gritos?

— Podemos congelar tudo — disse o Rui. — Depois falamos baixo.

O Afonso estava junto à porta com a Carolina. Tinham sido chamados porque a palavra servidores surgira quatro vezes numa conversa entre a administração e a equipa que preservava os sistemas. No corredor, um agente aguardava. Do outro lado do vidro, os funcionários passavam devagar, sem olhar para dentro.

Na cabeceira havia um lugar vazio. Um copo embalado e um bloco com o logótipo da VETRA tinham sido postos diante dele antes de alguém se lembrar de que o Tomás não chegaria.

— O que querem congelar? — perguntou o Afonso.

Os três responderam ao mesmo tempo.

— Tudo o que tenha ligação ao Tomás — disse o Rui.

— Nada que afecte a operação — disse o Henrique.

— As contas bancárias não podem parar — disse o Miguel.

O Afonso puxou uma cadeira da parede e sentou-se fora da mesa.

— Um de cada vez.

O Henrique abriu a pasta, mas não tirou nada.

— A empresa tem clientes a trabalhar, equipas em três países e compromissos na segunda-feira. A polícia preserva o que entender. A VETRA continua.

— Continua como? — perguntou o Rui. — Morreu o homem que aprovava metade das decisões.

— Não aprovava metade.

— Tens razão. Bloqueava metade.

— Rui — disse o Miguel.

— O quê? É sábado. Na segunda entram pessoas aqui e fazem o quê? Fingem que isto é uma avaria?

O Henrique rodou a aliança.

— Na segunda-feira, a empresa abre. Emitimos uma comunicação interna hoje, falamos com os clientes principais amanhã e asseguramos continuidade. É isto que um conselho faz.

— O conselho nem sabe o que aconteceu aos sistemas dele.

— A polícia está a tratar disso.

— A polícia está a tratar da morte. Eu estou a falar da empresa.

— O que significa congelar tudo? — perguntou o Afonso.

— Ninguém altera código, publica versões, apaga seja o que for ou entra nos ambientes do Tomás.

— E facturação? — perguntou o Miguel.

— Fica para segunda.

— Facturação, salários, fornecedores, pagamentos autorizados. Fica tudo para segunda?

— Dois dias não matam a empresa.

— Se suspendes os acessos de tesouraria sem preparar substituições, segunda-feira começa com recusas. Há contas que têm de continuar activas.

— Claro que para ti são as contas.

O Miguel levantou os olhos das folhas.

— Sou o director financeiro. Sim, são as contas.

— Tinhas pressa em pagar alguma coisa?

— Tenho pressa em não falhar salários a duzentas e trinta e sete pessoas.

O ALGORITMO

— Duzentas e trinta e seis — disse o Henrique. — O contrato de Madrid acabou.

O Miguel ficou a olhar para ele.

— Acabou ontem. A folha já estava fechada.

A Carolina aproximou-se da mesa.

— Nas máquinas e nos dados que estão a ser preservados, ninguém mexe sem autorização da equipa. As contas bancárias são outro assunto.

— Então podem continuar — disse o Henrique.

— Não foi isso que ela disse — respondeu o Rui.

— Foi o suficiente.

O Afonso apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Quem pode autorizar pagamentos hoje?

O Miguel respondeu de imediato.

— Eu, dentro dos limites habituais. Acima disso, duas assinaturas. Algumas eram minhas e do Tomás.

— Eram? — perguntou o Henrique.

— São. O mandato não desaparece do sistema porque ele morreu. Tem de ser comunicado e substituído.

— Então comunica-se.

— Ao banco. Depois designa-se quem assina.

O Rui soltou um ruído curto e voltou à janela.

— Já começámos.

— Começámos o quê? — perguntou o Henrique.

— A distribuir as chaves.

— Estamos a garantir a continuidade da empresa.

— Já disseste isso três vezes.

— Porque ainda não percebeste.

O Henrique voltou-se para o Afonso.

— Inspector, a polícia quer a empresa a funcionar ou parada?

— Quero que ninguém estrague o que precisamos de examinar.

— Isso é a funcionar ou parada?

— É o que eu disse.

O Henrique fechou a pasta com força.

— Os técnicos complicam tudo. Agora a polícia também. Há servidores apreendidos, ficam apreendidos. Os outros funcionam.

— A dificuldade é saber quais são os outros — disse o Rui.

— Faz-se uma lista.

O Miguel empurrou as folhas para longe.

— Não é hoje que se resolve isso.

— Hoje resolve-se o comunicado — disse o Henrique. — Sem a palavra suspensão, sem especulação e sem referência a falhas da empresa.

— Um homem morreu dentro desta empresa — disse o Rui.

— Eu sei onde morreu.

— Parece que só estás preocupado com segunda-feira.

— Estou preocupado com as duas coisas. Numa delas ainda posso fazer alguma coisa.

No corredor, alguém deixou cair uma caixa. Objectos pequenos espalharam-se pelo chão e uma mulher pediu desculpa a ninguém em particular.

O Afonso levantou-se e foi até à cabeceira. Não se sentou. Carregou no invólucro do copo, que cedeu sob o dedo.

— Quem fica a mandar?

O Henrique respondeu primeiro.

— O conselho assegura a governação.

— Isso é quem?

— Eu presido ao conselho.

— Não diriges a tecnologia — disse o Rui.

— Nem tu diriges a empresa.

— Fundei-a.

— Com o Tomás.

— Antes de tu saberes o que era.

O Miguel passou as mãos pelo rosto.

— As decisões correntes continuam delegadas. O resto precisa de deliberação. E há a posição accionista do Tomás, que não se resolve nesta sala nem hoje.

— Mas sem ele, quem tem votos? — perguntou o Afonso.

O Henrique olhou para o Miguel.

— Os accionistas mantêm os votos que têm.

— Ele quer saber quem consegue aprovar uma decisão — disse o Rui.

— Eu percebi.

— Não parece.

O Miguel alinhou uma das folhas com a borda da mesa.

— Depende da decisão. Operação corrente, administração, conselho, accionistas. Não há uma resposta única.

— E para uma venda? — perguntou a Carolina.

O Miguel deixou o papel.

O Rui voltou-se da janela.

— Aí está.

— O quê? — perguntou o Afonso.

O ALGORITMO

- A pressa.
- Não há pressa nenhuma — disse o Henrique.
- Tinhas uma proposta em cima da mesa e agora o homem que a recusou está morto.
- O Miguel fechou os olhos por um instante.
- Não faças isso.
- Dizer à polícia que havia uma proposta?
- O Henrique pousou as duas mãos na pasta.
- Era uma abordagem preliminar.
- Tinha preço — disse o Rui.
- Tudo tem um preço indicativo antes da negociação.
- E tinha prazo.
- Quem fez a proposta? — perguntou o Afonso.
- O Henrique demorou. Foi o Miguel quem disse o nome.
- Duarte Neves.
- Quem é?
- Empresário. Investidor tecnológico — respondeu o Henrique. — Fez uma proposta de aquisição. O Tomás recusou.
- Aquisição de quê?
- Da VETRA — disse o Rui. — Controlo, produto, contratos. Tudo o que interessa.
- Não era nesses termos — disse o Henrique.
- Era. Tinham palavras mais caras à volta.
- A Carolina olhou para o Miguel.
- Quanto?
- Não discuto valores sem o advogado.
- Há pouco querias voltar a ligar-lhe — disse o Rui.
- E continuo a querer.
- A proposta era boa? — perguntou o Afonso.
- O Henrique fez uma pausa.
- Era séria.
- Para quem?
- Para os accionistas.
- O Tomás era accionista de controlo — disse o Miguel. — Sem a posição dele não havia negócio.
- E agora?
- O Miguel abriu as mãos sobre a mesa.
- A posição dele não desapareceu. Há família, representação, transmissão. Não acontece hoje.
- Mas pode acontecer — disse o Rui.

— Com tempo, sim.

— Não comeces.

O Henrique apontou para o telefone.

— É por isso que precisamos do advogado.

O Rui tornou a ligar o cabo. O aparelho acendeu-se e mostrou no visor a chamada terminada.

— Pronto. Liga-lhe. Pergunta-lhe quem manda numa empresa quando o fundador aparece morto menos de duas horas antes de uma reunião.

O Henrique não tocou no telefone.

— Essa reunião não tinha relação com a proposta.

— Eu não disse que tinha.

— Disseste de maneira a parecer que tinha.

— E tu corrigiste depressa.

O Miguel recolheu as folhas. A primeira tinha uma lista de pagamentos; a segunda, nomes de bancos. Virou a terceira para baixo antes de a guardar.

— Quem sabia da recusa? — perguntou o Afonso.

— O conselho — disse o Henrique.

— Algumas pessoas da direcção — acrescentou o Miguel.

— E o Duarte — disse o Rui. — Presumo.

— Falou com o Tomás depois disso?

— Não sei — respondeu o Henrique.

O Rui encolheu os ombros.

— O Duarte não costuma desistir à primeira.

— Conhece-o?

— Conheço o género.

— Conhece-o?

O Rui puxou a cadeira ao lado do lugar vazio e sentou-se.

— Estive com ele duas vezes. O Tomás conduziu a negociação.

O Miguel fechou a pasta e deixou a mão em cima dela.

— Precisamos de decidir os pagamentos antes das seis.

— Precisamos de decidir quem fala pelos sistemas — disse o Rui.

— Eu falo pelo conselho — disse o Henrique.

— Então fala. Diz que a VETRA abre na segunda-feira, que ninguém sabe quem manda e que o comprador continua à espera.

O Henrique fitou o lugar vazio na cabeceira.

— A proposta do Duarte caducava na segunda-feira.

O Rui recostou-se.

— Agora talvez não.

Capítulo 6

Um Homem sem Nome

Norte de Portugal

Passado próximo

A reserva já estava feita quando ele entrou no alojamento.

O recepcionista rodou o monitor, apontou para os dados da reserva e perguntou se estavam correctos. O homem hesitou. Entregou o documento. O recepcionista repetiu a pergunta em inglês e ele respondeu no mesmo idioma, com um sotaque que o fez comparar outra vez a fotografia com o rosto. Trazia uma mochila pequena e um saco de viagem que cabia debaixo do banco onde esperara. Assinou e recebeu um cartão branco.

— Pequeno-almoço até às dez e meia.

— Está bem.

O quarto dava para as traseiras de outro edifício. Havia uma cama estreita, uma secretária presa à parede e duas garrafas de água com o preço na etiqueta. O homem pousou o saco no chão sem o abrir. Lavou as mãos, bebeu água da torneira e voltou a descer.

Comprou uma escova de dentes, meias e um jornal que não leu. Sentou-se num banco de cimento, pôs o jornal debaixo do saco porque a superfície estava molhada e esperou até deixar de chover.

O veículo estava num parque descoberto, algumas ruas adiante. Guardou o saco no porta-bagagens, colocou a mochila no banco do passageiro e arrancou. Viu os prédios perderem altura, os armazéns sucederem-se às casas e as linhas eléctricas cortarem os campos.

A primeira mensagem daquele canal surgiu depois de deixar o alojamento.

Era uma fotografia horizontal de um edifício industrial reconvertido. Paredes de granito, coberturas de fábrica, vidro novo entre dois blocos. A imagem fora tirada do outro lado de uma estrada, num dia claro. Não mostrava pessoas.

Por baixo vinha uma linha.

Disponibilidade: 21:40–22:25.

O homem aumentou a fotografia. No canto esquerdo havia um portão de metal e, para lá dele, um caminho estreito junto a uma parede. Mais nada estava assinalado.